



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Bandeirantes**

**Palácio da Alvorada, 27 de novembro de 2007**

**Jornalista:** Boa noite, Presidente.

**Presidente:** Boa noite, Boechat.

**Jornalista:** Presidente, como nós acabamos de ver na reportagem, pela primeira vez o Relatório da ONU incluiu o Brasil no grupo das nações com melhor qualidade de vida do mundo. Nós entramos, digamos assim, para a primeira divisão. Mas a nossa taxa de crescimento foi inferior a de muitos países, tanto que o Brasil, no ranking geral, caiu. É o caso de a gente comemorar, Presidente, ou de a gente lamentar?

**Presidente:** Veja, primeiro nós temos que comemorar, Boechat. Comemorar, porque significa que o Brasil está dando passos importantes, e é importante lembrar que esses dados são de 2005. Nós temos os dados da Pnad aqui no Brasil, que mostram que já há uma melhora substancial em 2006, certamente haverá uma melhora em 2007, em 2008, em 2009, em 2010, e eu acredito que o Brasil conquista uma coisa extraordinária, que é cuidar bem do seu povo, que é cuidar bem das suas crianças, que é cuidar bem dos pobres. Eu penso que nós já fizemos, eu diria, muita coisa, mas ainda falta muita, mas muita coisa mesmo para ser feita. De qualquer forma, houve um avanço extraordinário no Brasil.

**Jornalista Joelmir Betting:** Presidente, para o mercado financeiro, que é dono de uma competente bola de cristal, a economia brasileira fecha 2007 com



expansão de 4,7 – tudo bem –, mas recuando para 4,3 no ano que vem, ou seja, os bancos não estão botando, digamos assim, fé no PAC, que se compromete com o PIB de 5% em 2008. Que avaliação o senhor faz do PAC até agora?

**Presidente:** Joelson, eu tenho até um pouco de timidez de falar com um economista que, durante tanto tempo, foi o meu guru na área econômica. Joelson, o dado concreto é o seguinte. Embora eu respeite a avaliação desses bancos, nós temos, ao longo do tempo, provado que nem sempre os bancos acertam. Estou convencido de que o PIB brasileiro entra numa rota de crescimento, num ciclo novo, duradouro e sustentável. Estou convencido de que, por tudo que estamos trabalhando, nós vamos crescer mais em 2008, vamos crescer mais em 2009, crescer em 2010, e estamos trabalhando para que isso dure dez ou 15 anos. O PAC, na verdade, começa a ter as suas obras, efetivamente, a partir de fevereiro do ano que vem, porque essa fase agora foi a fase de fazer projeto, de licitação, de licença prévia. Agora é que o dinheiro do PAC começa, efetivamente, a causar os efeitos que nós tanto queremos, ou seja, melhorar a vida do povo nas regiões metropolitanas e no Brasil inteiro e, ao mesmo tempo, gerar os empregos. Eu posso dizer que, no ano que vem, você vai me fazer uma pergunta sobre a quantidade de obras que estará sendo realizada no Brasil. É importante lembrar que, no ano que vem... Só para te dar uma obra importante, começaremos o Comperj, no Rio de Janeiro, que é uma obra que vai custar 9 bilhões de dólares, criando o maior pólo petroquímico deste País. E tudo isso está dentro do PAC, além dos investimentos da Petrobras, que não são pouca coisa. Por isso, o meu otimismo com relação ao crescimento econômico e o meu otimismo com relação às coisas que estão acontecendo no PAC.

**Jornalista Fábio Pannunzio:** Presidente, para embasar esse crescimento todo



e para escorar essa onda de otimismo que varre a economia brasileira, é preciso pensar na questão da energia. O País inteiro está esperando algumas providências do governo, por exemplo, a construção das hidrelétricas do rio Madeira. O que está acontecendo que isso não começou ainda?

**Presidente:** Primeiro, porque foi um processo difícil para conseguir o licenciamento prévio. Essas coisas são complicadas. Se você começa errado, você termina não fazendo porque o Ministério Público interdita a obra, porque a Justiça interdita a obra, ou seja, está cheio de coisas que ficaram paralisadas neste País por erros, até, de condução do próprio governo. Nós juntamos todos os ministros envolvidos e, no dia 11 de dezembro, se Deus quiser, vai ter a licitação da primeira hidrelétrica. Em fevereiro, nós queremos fazer a segunda, e estamos trabalhando num inventário para deixar este País, quando eu deixar o governo, com 32 milhões de megawatts prontos para serem construídos, além do que nós estaremos construindo até lá. Eu estou seguro de que não faltará energia para o crescimento brasileiro, até porque eu aprendi, na minha vida, desde os tempos de sindicato, que se nós quisermos convencer um empresário a fazer investimento no Brasil, o primeiro quesito que o empresário vai perguntar é se tem energia. E nós temos energia. Além da energia hídrica, que é a mais barata e limpa, nós estamos com o PlanGás, a Petrobras está investindo bilhões e bilhões de reais para que o Brasil se torne auto-suficiente em gás.

Por isso eu estou tranqüilo com relação a isso. De vez em quando aparece alguém fazendo terrorismo, dizendo que vai faltar energia. Esses dias mesmo, no Rio de Janeiro, quando aconteceu aquele negócio do gás, o pessoal levantou (a questão) de que estava faltando. E aquilo foi apenas um equívoco de muita gente junta. Por quê? Porque nós vendemos gás para a empresa do Rio de Janeiro e vendemos para a Comgás, e tinha quase 5 milhões de metros cúbicos que não tinham contrato. O que a Petrobras fez?



Ela pediu para que essas empresas cedessem esse gás para atender uma termelétrica de Campo Grande, para cumprir uma decisão judicial. E ela pegou o gás. O que a empresa fez? A empresa, em vez de acertar com a Petrobras, de saber qual era o ponto que ela iria tirar, ela tirou dos postos de gasolina.

E eu fiz questão de dizer ao governador, meu amigo Sérgio Cabral: o gás, a principalidade do gás são as termelétricas. Ou seja, ele é utilizado 15 dias por ano, às vezes 20 dias por ano, para as termelétricas. Se precisar 3 meses, nós vamos utilizar, porque o nosso compromisso maior é não permitir que falte energia na casa do cidadão brasileiro.

**Jornalista Fábio Pannunzio:** Presidente, com relação à CPMF. O senhor tem uma guerra dura, aí. No momento, os seus próprios líderes dizem que o senhor não tem ainda os 49 votos para aprovar no Senado e, possivelmente, o senhor feche o ano sem aprovação disso. Como é que vai ser? O senhor vai entrar na guerra pessoalmente, vai lá, o general, comandar os seus subordinados?

**Presidente:** Você viu que eu fiz uma campanha dizendo que eu era o “Lulinha Paz e Amor”. Eu não vou fazer guerra, agora que eu ganhei as eleições. Quando eu estava disputando eu não fiz guerra, por que eu vou fazer agora? Eu não acho que tem guerra, eu acho que tem uma disputa política. Até porque eu acredito no bom senso e na sensatez dos senadores.

Aliás, muitos senadores foram governadores até ontem. E essas pessoas sabem que nem o município, nem o estado e nem a União podem prescindir dos recursos da CPMF, que é um imposto justo, que é um imposto que evita sonegação e que é um imposto que tem a sua totalidade redistribuída para políticas sociais. Grande parte dele é para a Saúde, outra parte é para a Previdência dos trabalhadores rurais, outra parte é para o combate à fome.

Portanto, se alguém quiser agir com irresponsabilidade e votar contra, depois esse alguém vai ter que explicar para a sociedade por que fez isso. A



briga não pode ser uma briga com o governo, ou uma briga com o presidente Lula, nós não merecemos isso. Eu acho que essas pessoas têm que pensar, na hora em que elas votarem contra, qual será o efeito desse voto delas nas crianças que precisam de saúde, nos trabalhadores rurais que precisam de aposentadoria, e nas pessoas que estão passando fome neste País. É isso que deve nortear a cabeça dos senadores. O resto é democracia. Eles podem votar contra ou podem votar a favor. E eu, obviamente, vou conversar com os senadores, na medida do possível, mas eu estou convencido de que a CPMF vai ser aprovada.

**Jornalista Mariana Ferrão:** Presidente, no mês que vem, na Indonésia, haverá uma reunião para discutir um novo acordo internacional que vai substituir o Protocolo de Kyoto. O objetivo é brevar o aquecimento global, apontado hoje pela ONU como o desafio do século XXI. O que o governo brasileiro vai apresentar nesse encontro para ajudar o Planeta a solucionar o problema do clima?

**Presidente:** Primeiro, Mariana, o governo vai com uma delegação forte. O companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores estará lá junto com a nossa ministra Marina e uma delegação forte para reiterar a proposta que nós já fizemos em Nairóbi. A primeira coisa que nós queremos é que os países ricos assumam a responsabilidade de diminuir a emissão de gases de efeito estufa. Afinal de contas, eles são responsáveis por 70% da emissão de gases. A segunda coisa é que nós precisamos convencer os países ricos de que eles precisam pagar para que os países pobres possam preservar as suas florestas. Até porque, para você convencer um pobre que está passando fome, perto de uma floresta, a não derrubar uma árvore, você precisa dar a ele a contrapartida para ele comer, trabalhar e estudar. Agora o que é preciso, de verdade, é que os países ricos assumam a responsabilidade, porque nós



precisamos, inclusive, discutir o padrão de desenvolvimento que nós temos hoje e o padrão de consumo, porque se não tiver essa discussão, não é uma discussão séria. E o Brasil está fazendo a lição de casa. Nós não só diminuimos em 52% o desmatamento da Amazônia, como a nossa política de biocombustíveis é um exemplo extraordinário para o mundo que quiser fazer menos emissão de gases no Planeta.

**Jornalista:** Presidente Lula, muito obrigado por sua entrevista ao Jornal da Band. Boa noite.

**Presidente:** Obrigado, Boechat, e boa noite.